

## O CONCEITO DE MALDITO ATRAVÉS DOS TEMPOS: UM ESTUDO DO TERMO NA OBRA NOITE NA TAVERNA, DE ÁLVARES DE AZEVEDO, E NAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS CAIS E SINUCA, DE JOÃO ANTÔNIO

Verônica da Silva Ferreira

Mestranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UERJ

veronicasferreira@yahoo.com.br

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conceito de maldito entre dois períodos distintos, séculos XIX e XX, respectivamente, por meio das produções dos escritores Álvares de Azevedo e João Antônio. O primeiro, representante da Segunda Geração Romântica, tem como uma das obras mais conhecidas *Noite na Taverna* e o segundo, repórter, atuou veementemente nas áreas de Jornalismo e Literatura, tendo destaque em veículos como a revista *Realidade* e o *Jornal do Brasil*, entre as décadas de 1960 e 1970. Suas produções jornalísticas sempre ressaltavam aqueles considerados “à margem” da sociedade, como: prostitutas, moradores de rua, jogadores de sinuca, entre outros. Para este artigo serão considerados dois textos de João Antônio, *Cais* e *Sinuca*. Além das obras para análise, serão aproveitados apontamentos de Ieda Magri, Carlos Alberto Farias de Azevêdo Filho, Cilaine Alves, e outros autores.

**Palavras-chave:** Álvares de Azevedo, João Antônio, maldito, jornalismo literário.

### ABSTRACT

This work aims to analyze the concept of cursed between two distinct periods, the twentieth and twenty-first centuries, respectively, through Álvares de Azevedo and João Antônio writers productions. The first, Second Romantic Generation representative, has as one of the best-known works *Noite na Taverna*, and the second, a reporter, acted vehemently in the areas of Journalism and Literature, highlighting in communication means as the magazine *Realidade* and *Jornal do Brasil*, between the 1960s and 1970s. His journalistic productions always emphasized those considered "on the margins" of society, such as prostitutes, street dwellers, snooker players, among others. For this article will be considered two texts of João Antônio, *Cais* and *Sinuca*. In addition to the analyzed works, notes will be taken from Ieda Magri, Carlos Alberto Farias de Azevêdo Filho, Cilaine Alves, and other authors.

**Keywords:** Álvares de Azevedo, João Antônio, cursed, literary journalism.

A palavra maldito é associada ao senso comum sempre a algo negativo, terrível, que prejudica um indivíduo ou ainda todo um grupo social. A cada contexto, o vocábulo ganha

novas dimensões e isso não seria diferente na Literatura. Como exemplo, há o livro *Noite na Taverna*, do escritor ultrarromântico Álvares de Azevedo, publicado em 1855. A obra apresenta elementos atrelados ao satanismo e ao *byronismo*, configurando o próprio enredo e o poeta como representantes do maldito na Literatura brasileira do século XIX.

Passado um século, a Literatura ganha novos rumos, porém o maldito ainda permanece, por meio dos escritos jornalísticos dos contos-reportagens do repórter e escritor João Antônio, tendo como exemplos, *Sinuca* e *Cais*, matérias divulgadas na revista Realidade nos anos de 1967 e 1968, respectivamente. Assim como no texto de Álvares de Azevedo, prostitutas, bêbados e locais inóspitos também constituem uma narrativa presente no jornalismo literário de João Antônio. Vale destacar que mesmo em períodos históricos diferentes - o escritor romântico escreveu a palavra maldito em *Noite na Taverna* no século XIX e tal vocábulo foi associado ao jornalista no contexto da Ditadura Militar - tanto Álvares de Azevedo quanto João Antônio apresentam pontos em comum ao utilizarem recursos literários, tais como figuras de linguagem, descrição de cenas e dos personagens envolvidos nos seus respectivos escritos, tornando possível uma análise comparativa entre os referidos textos para o desenvolvimento deste artigo. Com base nessa dinâmica, o propósito desta pesquisa é apresentar o conceito de maldito, além de pontuar as ideias concordantes ou discordantes entre esses textos.

## O CONCEITO DE MALDITO NA LITERATURA

Desde tempos mais antigos, o maldito sempre foi configurado como um ser que não pertence a um lugar superior e íntegro. A figura mais conhecida e considerada como um dos primeiros malditos é Lúcifer, o anjo mais perfeito criado por Deus. Sua desgraça se dá

quando o onipotente, ao criar o homem, pede a Lúcifer que reverencie a sua obra. O anjo, então, desrespeita a ordem divina, uma vez que se sente superior ao ser humano. Diante do orgulho, Lúcifer promove uma rebelião nos céus contra Deus, cujo efeito é a sua expulsão do Paraíso. Dessa forma, Lúcifer, cuja tradução é “luz da manhã”, transforma-se em Satanás, que significa “adversário”, ou ainda “opositor”. O maldito, então, seria uma variação desse termo, dentro dos conceitos cristãos. De acordo com Claudia Labres (2002),

Satã tornou-se um maldito por ter contestado as leis divinas. Sendo um maldito, passou a ser associado ao mal. Por representar o mal, Satã merece passar por castigo e punição, assim como os seres malditos que o seguiram. A personagem maldita deve pagar por algo, por um pecado, um crime. Crime esse geralmente ligado às paixões. O indivíduo maldito age apaixonadamente. Razão e emoção para ele estão interligados, assim como para Lúcifer um dia esteve sendo o que provocou sua queda e maldição (LABRES, 2002, p. 51)

Satã, para se vingar de Deus, ludibriou Adão, a obra que Ele considerava a sua própria semelhança. Em forma de serpente, convenceu Eva, a mulher feita da costela do homem, a provar o “fruto proibido”, em outras palavras, o conhecimento. Feito isso, o pecado que era apenas de Satã passa a ser também do indivíduo. Dessa forma,

no momento do pecado original, a criação divina se completava, dessa vez, pela mão do homem. O processo concluído indicava a passagem a uma nova fase. Aos poucos o homem sofreu um processo de degradação que cada vez mais o separaria de Deus. O pecado do homem foi imitar a Deus, tendo contrariado suas determinações ao comer do fruto proibido, adquirindo, assim, um conhecimento que antes não possuía, pelo fato de ser um saber divino, apenas a Deus consagrado. Ao concluir a obra de Deus, o homem a profana. O mundo perde, assim, sua perfeição inicial (LABRES, 2001, p. 21).

Essa renúncia ao divino é vista na História num momento de grandes transformações. A burguesia, classe ao qual o Romantismo pertence, renuncia a divindade do rei absolutista,

e, ainda dentro dessa estratificação, há aqueles que negam essa vida materialista. A partir da leitura das obras de George Gordon Byron, mais conhecido como o poeta inglês Lord Byron, os poetas românticos não se identificavam com a vida burguesa (mesmo fazendo parte dela) e, portanto, buscavam o refúgio através da arte, apresentando, então, uma linguagem pessimista, melancólica e de total fuga da realidade. Byron escreveu diversos poemas com base na própria vida rebelde que nutria contra o moralismo, o racionalismo herdado do Iluminismo e as convenções sociais do século XIX, e isso impactou consideravelmente os outros artistas, em especial os poetas românticos. Dessa forma, esses escritores passaram a ser vistos pela própria burguesia como aqueles que recusam e questionam a ordem social vigente, ou seja, negligenciam e deturpam um sistema legítimo, associando, então, esse grupo à figura do maldito. Os próprios poetas românticos adotam a figura de Satã como a negação da vida burguesa:

Os românticos veem em Satã um herói por ter desafiado a todos em nome daquilo que acreditava. Satã é o primeiro romântico e o mais rebelde. Ele iniciou a busca de liberdade e realização que os românticos continuaram. Satã tornou-se um modelo que os malditos seguiram. Como “mensageiro de luz”, ele levou a luz aos corações românticos que viram nele uma face bela e não a imagem horrenda que até então lhe era atribuída (LABRES, 2002, p. 39).

A rebeldia de Satã ao ser contra a “convenção divina” é a mesma dos românticos, e esse comportamento é inerente a de um ser inconformado. Dessa forma, Satã é visto como um herói pelos românticos por ser maldito, e não maligno, pois seu legado é encarado como um ato de valorizar a individualidade, e essa é vista como um instrumento de abdicação ao convencional que a sociedade impunha. Se valorizar a própria vontade é ser visto como maldito pelo meio, então o termo é considerado como um lema para os artistas românticos.

Entre eles há um que valorizará esse conceito de forma genuína: Álvares de Azevedo no livro *Noite na Taverna*.

### **COMO SE DÁ O MALDITO EM ÁLVARES DE AZEVEDO NA OBRA NOITE NA TAVERNA**

Álvares de Azevedo (1831-1852) é considerado o representante da Segunda Geração, também conhecida como Ultrarromântica, ou ainda como “Mal do século”. De vida breve e intensa, é conhecido por suas obras *Lira dos Vinte Anos* (1853), *Macário* (1855) e *Noite na Taverna* (1855). Essa última é um livro de contos, num total de sete capítulos (um prólogo, cinco contos e um epílogo), que apresenta no enredo cinco personagens, Solfieri, Bertram, Gennaro, Claudius Hermann e Johann, todos envolvidos numa atmosfera tenebrosa de uma taverna, em que cada um revela a experiência lúgubre que vivenciou. O início do livro chama a atenção pela fala de um deles, Johann, que pede silêncio aos demais que estão no recinto, pois as mulheres dormem totalmente embriagadas. O início da história é similar ao fim do texto *Macário*, em que Satã e Macário observam, da rua, um estabelecimento:

UMA RUA

(MACÁRIO E SATÃ de braços dados.)

SATÃ Estás ébrio? Cambaleias.

MACÁRIO Onde me levas?

SATÃ A uma orgia. Vais ler uma página da vida, cheia de sangue e de vinho-que importa?

MACÁRIO É aqui, não? Ouço vociferar a saturnal lá dentro.

SATÃ Paremos aqui. Espia nessa janela.

MACÁRIO Eu vejo-os. É uma sala fumacenta. À roda da mesa estão sentados cinco homens ébrios. Os mais revolvem-se no chão. Dormem ali mulheres desgrenhadas, umas lívidas, outras vermelhas... Que noite!

SATÃ Que vida! não é assim? Pois bem! escuta, Macário. Há homens para quem essa vida é mais suave que a outra. O vinho é como o ópio, é o Letes do esquecimento... A embriaguez é como a morte. . .

MACÁRIO Cala-te. Ouçamos (AZEVEDO, 1855, p. 50-51).

A semelhança do fim de *Macário* com o início de *Noite na Taverna* dá a impressão de que uma história é a continuação da outra, no mesmo clima de pessimismo e morbidez, e ambas são conectadas por um “cicerone”, o próprio Satã. Portanto, ele, o “anjo caído”, perpetua a quebra da convenção social em *Noite na Taverna*, mantendo, então, o maldito presente num novo cenário. Para Cilaine Alves Cunha (2004),

a hipótese de conexão interna e intencionalmente estabelecida entre *Noite na Taverna* e *Macário* implica o estabelecimento de um vínculo entre as ideias de uma e outra obra, levando a primeira delas a se configurar como solução para o impasse gerado pelo choque do ceticismo de Satã/Macário com o otimismo de Penseroso (CUNHA, 2004, p. 116).

Os cinco homens que se encontram sentados a uma mesa apresentam histórias que beiram à insanidade, periféricas quando comparadas ao nível de moralidade da burguesia. Solfieri conta sobre o amor que sentiu por uma bela moça e a encontra sendo velada numa igreja na cidade de Roma. Ao vê-la num estado de catalepsia, leva-a para casa, onde ela morre logo depois. Ele a enterra sob o piso do quarto e encomenda uma estátua da amada a um escultor.

Bertram narra as suas desventuras ao não ter o seu amor correspondido e tenta se matar no mar. Ele é resgatado em seguida por uma embarcação. O navio afunda e apenas ele, o comandante do navio e a esposa desse sobrevivem num bote. Após ficarem sem

alimento e à deriva no mar, o capitão é morto por Bertram para servir de sustento aos outros dois. Tempos depois, a mulher delira e ele também a mata, sendo salvo dias depois por um navio.

Gennaro conta a sua história ao se apaixonar pela mulher do seu mestre e pintor. A filha desse se apaixona por ele e o pede em casamento, mas o jovem a rejeita. A menina morre de desgosto e Gennaro visita a esposa do pintor toda noite. Passa-se o tempo e o mestre joga o jovem de um rochedo depois que descobre a verdade. O personagem sobrevive e, ao voltar para a casa do mestre para matá-lo, encontra-o morto junto à esposa.

Claudius Hermann narra a sua paixão por uma duquesa. Ele consegue entrar no quarto dela por várias noites para dopá-la e, assim, estuprá-la. Uma noite, após o marido da duquesa beber por engano o sonífero, Claudius sequestra a mulher. Dias depois, ao retornar, ele encontra a duquesa e o duque mortos.

Johann estava vencendo um jogo de bilhar quando o seu adversário, Artur, faz com que ele perca a partida. O rapaz, então, o desafia a um duelo e Johann vence. Antes de morrer, Artur entrega uma carta ao vencedor com um anel de noivado à amada. Johann vai à casa da jovem se passando por Artur e a seduz. Logo depois, ele é atacado por um homem e o mata. Mais tarde, Johann descobre que o homem que assassinou é seu irmão e a jovem noiva é sua irmã.

Há ainda o capítulo final, com um desfecho tão terrível quanto os outros. Johann é morto por sua irmã, Giorgia, que entra na taverna e procura por um rosto conhecido. Encontra Arnold, que na verdade é Artur, o noivo que sobrevive ao duelo. Ambos, juntos, declaram o amor que sentem um pelo outro e se matam.

Em cada narração dos personagens há a presença de assassinato, incesto, sequestro, necrofilia, estupro, orgia, vício pela bebida, pessimismo e outros elementos que configuram aquilo que a sociedade abomina. Percebe-se, então, que Álvares de Azevedo considera o maldito como aquilo que choca e transgride o ideário da harmonia social, logo, é o cerne da sua obra. Em nenhum momento há a presença de Deus, pois Ele

representa a opressão, o establishment e a civilização; Satã é a rebeldia, a liberdade, a natureza. Estabelece-se, também, uma dicotomia entre a vida contemplativa e a vida prática, entre mundo interior e mundo exterior; em suma, entre o artista e o burguês (SOUZA, 2015, p. 497).

O maldito presente nas narrativas de *Noite na Taverna* é praticamente o fio condutor que une todos os contos, e esse termo é relacionado às atitudes egoístas e aos sentimentos intensos dos homens. Todos eles cometem crimes com o propósito de satisfazerem unicamente o próprio ego, desvalorizando por completo o senso de coletividade, ou ainda, o respeito ao próximo. Ao declararem o próprio pecado, cada um mantém na taverna o clima que reafirma a presença de Satã, mesmo que ele esteja do lado de fora contemplando o interior do espaço junto a Macário. Dessa forma, *Noite na Taverna*

filia seus cinco personagens principais a sistemas filosóficos distintos, mas que, de um ou de outro modo, negam o conhecimento baseado no império da razão e, à literatura, a função de transmitir princípios morais. Fundamental nesse sentido, o capítulo inicial “Uma noite do século”, oferece uma síntese dialógica que condensa a reação à visão edificante da poesia, aleia às contradições humanas. Em seu lugar, a fala de todas as personagens, ainda que apresente certas discordâncias acerca do que consideram um sistema filosófico genuíno, contrapõe em uníssono o ceticismo e o hedonismo como postura de vida e como fundamento da poesia. Enquanto Bertram toma o fumo e o vinho como metáforas do idealismo alemão ou, em outras palavras, como imagem do movimento da ideia pelo espírito, o materialista Solfieri, ainda que admita, com os amigos, a imortalidade da alma como um ideal a ser perseguido, pensa que ele deve se deixar impregnar do “lodo e podridão”,



disseminados pelo mundo. Para ele, a vida não é, como a lua, um elemento puro e virtuoso, mas uma “reunião ao acaso de moléculas atraídas”. Analogamente a Bertram, Solfieri crê que das ilusões nada se concretiza e que a existência só tem sentido na febre do libertino, na bebida e na lascívia. O ateu Johann, por seu turno, condena a crença nos dogmas religiosos, o fanatismo e o culto dos ícones católicos. O único consenso entre eles é o de que a base de todo conhecimento reside no elemento sensível e que, na poesia, assim como no estilo de vida, deve imperar uma atitude que chama de epicurista, voltada para o culto do prazer. Sob a ótica dos libertinos, o prazer se torna o fundamento da vida e a fonte de onde devem-se extrair os materiais da criação poética (CUNHA, 2004, p. 122-123).

Dessa forma, a taverna é o mundo paralelo cujo mal se manifesta sob a forma dos cinco malditos personagens. Por mais que a narrativa surpreenda alguns que fazem parte do contexto taciturno, a declaração de cada um deles é encarada como uma normalidade da rebeldia romântica, nutrida por vinho, sexo, pela fumaça do ambiente, pelo pessimismo e desabafos de amores não realizados. Estar na taverna é se refugiar do que a sociedade impõe. Mal sabem eles que Satã observa tudo do lado de fora, frequentando com tranquilidade o mundo moral e burguês. É por isso que Satã não pode ser considerado malvado, pois ele não pratica a truculência e a perversidade com o ser humano, ao contrário, respeita o livre-arbítrio do indivíduo, porém ele é o símbolo do maldito para os românticos porque ele é o modelo da adversidade e da frustração que será seguido por todos os artistas. O maldito, então, é o signo da inquietação e do não pertencimento ao meio social.

### **O MALDITO EM JOÃO ANTÔNIO NAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS CAIS E SINUCA**

O maldito mantém-se na literatura anos depois da publicação de *Noite na Taverna*, porém o conceito é configurado sob uma nova vertente, o Jornalismo. Na associação entre as duas áreas, tem-se o surgimento de matérias jornalísticas com uma linguagem literária,

rica de sentidos, figurativa, e entre esse hibridismo profícuo sobrevivem os contos-reportagens de João Antônio (1937-1996). Jornalista e escritor, atuou em vários veículos de informação, entre eles o Jornal do Brasil e a Revista Realidade. Nesse periódico, ele publicou alguns textos jornalísticos, entre eles *Este homem não brinca em serviço* (lançado depois como *Sinuca* no livro *Malhação do Judas Carioca* (1975), do próprio jornalista) e *Um dia no Cais* (também lançado na mesma obra com o título *Cais*), ambos na década de 1960, período turbulento no Brasil devido ao regime militar e aos altos índices de miséria e desigualdade social.

João Antônio apresentava uma escrita altamente diferenciada para a época, pois a base da sua construção textual era a rua, literalmente. Como jornalista ele a percorria, ora no Rio de Janeiro, ora em São Paulo, para identificar o seu objeto de trabalho. Com um olhar peculiar, o escritor retratava nas suas reportagens personagens alheios à ordem e ao equilíbrio social, que viviam “à margem”: prostitutas, malandros, moradores de rua, marinheiros, engraxates, estivadores, entre outros. Esse público que ele retratava em suas matérias também foi consagrado em seus livros. O primeiro deles foi *Malagueta, Perus e Bacanaço*, lançado em 1963. Recebida com entusiasmo, a obra, segundo Ieda Magri (2013)

trazia pulsante o submundo paulista, investia numa linguagem totalmente nova, forjada na gíria de um estrato da população que ele ergueu à categoria de mito: aquele que pode ser denominado como lúmpen, os que vivem da rua, da prostituição, do jogo, da malandragem profissional ou amadora, da mendigagem. A existência mesma desse mundo apenas vislumbrado em seus contornos gerais pela sociedade que se organizava em torno das novas colocações em um país em ebulição política e anseio de crescimento e modernização ganha certa autonomia, pois é apreendido em plena luta de forças na disputa de territórios urbanos privilegiados que se quer sempre salvar da pobreza que se exhibe como feiúra, assédio, ou como violência (MAGRI, 2013, p. 9-10).

Esse mundo, associado a termos pejorativos pela sociedade, foi também abordado em *Sinuca*. Lançada primeiramente na Revista Realidade em outubro de 1967, João Antônio (1975) inicia a reportagem descrevendo o local onde ocorrem as apostas de sinuca, um jogo popular. O prédio, segundo ele, está desleixado, sujo, e sua entrada é um bar apinhado de gente, cujas conversas sempre estão em torno de um único assunto: bilhar. Em seguida, ele explica a linguagem usada entre os jogadores ao se referirem a dinheiro, esse sendo apresentado com muitos apelidos:

carvão, mocó, gordura, maldito, tutu, pororó, mango, vento, granuncha, seda, gaita, grana, gaitolina, capim, concreto, abre-caminho, cobre, nota, manteiga agrião, pinhão, positivo, algum, dinheiroso, aquele um, luz, massa, milho, arame, bronze, ouro, ferro, pataca, prata, bufanda, blesquério e surucutaco (ANTÔNIO, 1975, p. 99).

Os termos apresentados são populares e, de acordo com a matéria, usados propriamente por aqueles que dependem do jogo e da obtenção do dinheiro através da sinuca, como um código próprio dos que vivem no mundo da jogatina. Além disso, o repórter descreve os homens que tentam obter dinheiro e prestígio no jogo, porém são considerados pelos profissionais como os otários, pois são trabalhadores que perdem todo o seu salário e sustento da própria família nas mesas verdes do bilhar. O interessante nessa descrição é perceber que, moralmente, essa pessoa que entra no prédio para obter um pouco de lucro rápido e fácil através do jogo, usando o próprio salário, está num lugar desprivilegiado de normas e regras sociais. Ao entrar no recinto, é considerado como um mantenedor do espaço, já que seu dinheiro de trabalhador é obtido rapidamente para manter o “outro trabalhador”, nesse caso o malandro, estereótipo vivo daquilo que a sociedade ignora: é um sobrevivente de um meio que o nega como cidadão. Esse malandro,

então, sobrevive da contravenção, ratificando o seu não lugar no espaço social. Para se manter vivo, ele se “alimenta” da procura do assalariado por diversão. Ele está à margem do permitido e do aceitável, da “moral e dos bons costumes” que tanto a coletividade defende. Como resultado, ele é um marginal, ou seja, está “à margem” do que a sociedade define como “aceitável” para ser habitante da metrópole.

O ambiente retratado pelo jornalista é um exemplo de reduto daqueles que não são e não se sentem como parte legítima da população. Para Azevêdo Filho (2002), João Antônio que nos mostrar

que o universo da malandragem da *Sinuca* é um mundo paralelo, com seus valores, linguagem e éticas próprios. Ao mesmo tempo, o escritor nos lembra que tal mundo, mesmo sendo marginal, está ligado à economia capitalista, com suas desigualdades e constante batalha pela sobrevivência (AZEVEDO FILHO, 2002, p. 68-69).

Assim como em *Sinuca*, *Cais* representa também a “margem”, o lado invisível da população, nesse caso, o Porto de Santos, em São Paulo. Nesse lugar convivem garçons, marinheiros, prostitutas, estivadores, entre outros seres que também fazem parte do lado “sombrio” e esquecido da cidade. O lugar nunca dorme. O primeiro lugar descrito é o botequim, definido como imundo, desleixado, sujo e velho, onde são encontrados cantores, pedintes, vendedores, ladrões, malandros, cafetões, além dos personagens descritos acima. Dentre as figuras detalhadas por João Antônio se destacam Rita Pavuna e Odete Cadilaque, amigas na função de enganar homem e rivais na obtenção do sustento diário. A população que habita o Porto e o próprio local são descritos por João Antônio (1975) como

Gente magra, muita, suja, escurecida, andrajosa, mora apertada com crianças, cães, velhos, gatos quizilentos, nos escondidos dos porões escuros, buracos que

furam os casarões antigos, entre ratos, fartum de urina e mato abandonado (ANTÔNIO, 1975, p. 45).

Pela descrição do jornalista, o lugar, mesmo tendo boa parte dos produtos importados e exportados, fomentando, então, financeiramente o país, é abandonado pelo Estado, que não oferece infraestrutura adequada ao local. Dessa forma, o espaço é desprezado, tornando-se marginal, ou seja, limítrofe entre o aceitável e a depreciação da sociedade. Cais não é apenas a periferia geográfica, mas sobretudo o limite moral e identitário do corpo comunitário. Em outras palavras, pode-se dizer que o Porto de Santos descrito por João Antônio é um lugar maldito por ser contrário à ordem social vigente. A descrição do ambiente confirma o lugar como corrompido: vários cabarés, fedor de lodo, mulheres estropiadas, barbearia ensebada, entre outras definições. De manhã, o lugar é dividido entre o trabalho de poucas prostitutas e o de homens, quase nus, a carregar os sacos de milho, café e outros alimentos, carregando e descarregando os navios o dia inteiro.

À noite o cais se revela de outra forma. Se a manhã é de trabalho digno, a noite é dedicada ao proibido. As mulheres procuram possíveis clientes e os homens desejam diversão, além de gastarem o dinheiro obtido no trabalho do Porto. Ao fim da noite, um novo dia surge. A matéria é finalizada dessa forma, dando a impressão de que esse ciclo de vida marginalizada não tem fim entre o dia e a noite.

*Sinuca* e *Cais* retratam bem o olhar de João Antônio na sua produção jornalística/literária. Por considerar tanto os personagens sociais negligenciados como base da sua própria escrita, o jornalista foi considerado muitas vezes como o escritor marginal/maldito entre as décadas de 1960 a 1980, num contexto histórico permeado pelo

regime militar, que divulgava a qualquer custo a imagem de uma sociedade perfeita, “em defesa da moral e dos bons costumes”.

Diante disso, é possível estabelecer relações entre os escritos de Álvares de Azevedo e João Antônio num espaço de diferença de mais de cem anos? Pode-se dizer que o maldito permanece em contextos sociais tão diferentes? É o que será visto no próximo capítulo.

### **ÁLVARES E JOÃO: PONTOS CONSONANTES OU DISSONANTES?**

Grosso modo, pode-se dizer que as obras dos dois escritores não apresentam relação alguma por uma diferença básica: enquanto os personagens de Álvares de Azevedo são ficcionais, os de João Antônio são reais, retratados com uma linguagem jornalística, porém fortemente literária. Diante disso, a dissonância é evidente, pois a obra *Noite na Taverna* é antirrealista, ou seja, foge ao presente do romântico, tendo a subjetividade e o sentimentalismo como “válvulas de escape” num contexto de verossimilhança interna. Além disso, os seres retratados por Álvares de Azevedo pertencem à classe burguesa e todos eles decaíram, revelando uma vida de violência, estupro e tudo o mais que atinja negativamente o *status quo*. O próprio escritor romântico se interessa apenas em apresentar as histórias narradas pelos próprios personagens, sem desejar associá-los à sua própria realidade. A discrepância também se mantém presente em *Sinuca* e *Cais*, pois João Antônio, por se tratar de um jornalista e trabalhar no meio midiático, retrata a realidade, a verossimilhança externa. As pessoas que ele descreve em suas reportagens são reais e pertencem à classe baixa. Outrossim, o profissional apresenta não apenas a realidade, mas a própria vida das pessoas, com evidências sobre o comportamento e a maneira como cada uma delas vive.

Se os pontos dissonantes existem, como explicar uma possível relação entre as obras dentro do contexto do maldito?

Observa-se que sendo ficção ou realidade, o maldito mantém-se presente porque ele se manifesta enquanto isolamento social. Mesmo que João Antônio não registre cenas de agressividade, assassinato e afins, a transgressão se configura através dos personagens da vida real retratadas por ele. Além do mais, os ambientes e a maneira como são descritos pelo jornalista, com riqueza de detalhes, corroboram esses mesmos espaços como lugares de não pertencimento, ou seja, uma vida paralela, portanto ignorada. Por estarem à margem da harmonia social, representam, então, os lugares em que tudo aquilo que se configura como maldito se manifesta: bares, cabarés, prostituição, jogatina, bebidas, vícios, hedonismo. Além disso, os dois autores, Álvares de Azevedo e João Antônio, retratam uma visão que constrange a sociedade que eles pertencem. Com base no *byronismo*, Azevedo evidencia uma vida a qual se desloca do ideal defendido pela burguesia do século XIX. Antônio apresenta uma vida que choca a sociedade das décadas de 1960 e 1980, época conhecida pelos tempos “sombrios” da Ditadura. Por retratar assuntos muitas vezes incômodos para o governo militar, o jornalista foi considerado, na época, como parte do grupo “maldito” de escritores que divulgavam suas obras sem fazerem parte do mercado editorial vigente ou, ainda, aproveitavam veículos de informação como as revistas *Extra* ou *Realidade* para lançarem reportagens que continham como assunto exatamente aquilo que poderia “ferir” os ideais de uma sociedade “perfeita”: miséria, desigualdade social, relação entre informantes marginais (“dedos-duros”) e policiais, entre outros temas.<sup>1</sup> Portanto, João

---

<sup>1</sup> Nos anos 1970, surgiu a imprensa alternativa (ou ainda chamada de “nanica” pelo João Antônio) e foi usada como um espaço de luta contra o regime militar por intelectuais e artistas. Foi nesse tipo de veículo que ele

Antônio não tinha a intenção de retratar o maldito no sentido denotativo da palavra, porém sua escrita incomodou muito na época em que foi publicada, tornando-o, então, o escritor inconveniente, logo, para muitos, maldito.

Dessa forma, afirmar que João Antônio apresenta a mesma visão que Álvares de Azevedo ao retratar o maldito é ignorar as mudanças históricas e ideológicas que a sociedade enfrentou em diferentes gerações. Antes, estar na taverna era fugir das condições sociais num ato de rebeldia individual e egoísta; na contemporaneidade, estar no cabaré ou no bar é simplesmente não ter, legitimado e reconhecido, o direito de se encaixar no meio social. A própria sociedade de Azevedo não é a mesma do século XX, porém uma coisa é certa: tanto a burguesia quanto a classe média mantêm evidente o conceito de maldito como aquilo que não agrada aos próprios olhos, e mesmo com mais de cem anos de separação, ambas as populações ainda acreditam na figura de Satã, relacionando-o exatamente àquilo que não faz parte da conjuntura moral. Portanto, sendo ficção ou realidade, o que configura como maldito ainda permanece presente, mesmo sob vertentes diferentes, tendo, em ambos, Satã assistindo a tudo e a todos de olhos bem abertos.

## REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, João. *Malhação do Judas carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

AZEVEDO, Álvares de. *Macário*. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/macario.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/macario.pdf)>. Acesso em: 10 de fev. de 2018.

---

publicou, em 1977, na revista *Extra Realidade Brasileira*, a edição número 4, com o título “Malditos Escritores!”, em que eram divulgados contos inéditos de Chico Buarque, Plínio Marcos, Antônio Torres, Wander Piroli, Marcos Rey, Márcio Souza, Aguinaldo Silva, Tânia Faillace e do próprio João Antônio.



AZEVEDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. *João Antônio: repórter de Realidade*. João Pessoa: Ideia, 2002.

CUNHA, Cilaine Alves. “A Fundação da Literatura Brasileira em *Noite na Taverna*”. In: *Itinerários*, São Paulo: FCLAr-Unesp, n. 22, 2004, p. 115-133.

LABRES, Claudia. *A poética do mal: a ficção de Álvares de Azevedo, uma literatura sob o signo de Satã*. 2002. 188f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2002.

MAGRI, Ieda. *O NERVO EXPOSTO – João Antônio, experiência e literatura*. São Paulo: Lumme Editora, 2013.

MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/maldito/>>. Acesso em: 15 de mar. de 2018.

SOUZA, Gustavo Ramos de. “A literatura sob o signo de Caim: os gênios malditos”. In: *Letrônica*, Porto Alegre: PUCRS, v. 8, n. 2, 2015, p. 494-506.

**Artigo recebido em: 31 de maio de 2018.**  
**Artigo aprovado em: 09 de julho de 2018.**